

DOI:

Artigo

**AS COMEMORAÇÕES DO *DOIS DE JULHO* NO GINÁSIO BAIANO, DO DR.
ABÍLIO CÉSAR BORGES**

**JULY 2ND CELEBRATIONS AT THE BAIANO GYMNASIUM, LED BY DR.
ABÍLIO CÉSAR BORGES**

Carollina Carvalho Ramos de Lima¹ - 0000-0003-3265-4669

¹Universidade Federal da Bahia (ufba), Salvador, Brasil - carollinadelima@ufba.com.br

Resumo:

No ensino das reflexões que envolveram o bicentenário da(s) Independência(s) no Brasil, neste artigo abordamos certa cultura escolar relacionada a esta efeméride, considerando sua relação com o ensino de História. Mais especificamente, abordamos o tema a partir da reconstituição de conteúdos e formas observáveis nas comemorações em homenagem ao *Dois de Julho* que aconteciam no Ginásio Baiano, comandado por Abílio César Borges, no início dos anos de 1860. Nesse sentido, o texto recupera algumas práticas escolares e reflete sobre o lugar da história escolar na constituição de uma memória coletiva, constituída no diálogo com o imaginário romântico, cujo objetivo central seria formar cidadãos nacionais e inventar tradições que permitissem aos sujeitos se entenderem parte de uma “comunidade imaginada” (local e nacional), e que, em última instância, fazia parte da formação escolar e fora idealizada pelas elites.

Palavras-chave: Dois de Julho – Independência na Bahia – Ginásio Baiano – Abílio César Borges – século XIX

Abstract:

As part of the reflections surrounding the bicentenary of Independence(ies) in Brazil, in this article we address a certain school culture related to this anniversary, considering its relationship with the teaching of History. More specifically, we approach the topic from the reconstitution of contents and forms observable in the celebrations in honor of *Dois de Julho* that took place at the Ginásio Baiano, commanded by Abílio César Borges, in the early 1860s. In this sense, the text recovers some practices schools and reflects on the place of school history in the constitution of a collective memory, constituted in dialogue with the romantic imaginary, whose central objective would be to form national citizens and invent traditions that would allow subjects to understand themselves as part of an “imagined community” (local and national), and which, ultimately, was part of school training and was idealized by the elites.

Keywords: Dois de Julho – Independence in Bahia – Baiano Gymnasium – Abílio César Borges – 19th century

Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino
ISSN 2595-6361

Vol. 6, N. 12, ano 2023, páginas 7 - 32

Recebido: 19 de Novembro de 2023

Aprovado: 15 de Dezembro de 2023

Publicado: 31 de Dezembro de 2023

AS COMEMORAÇÕES DO *DOIS DE JULHO* NO GINÁSIO BAIANO, DO DR. ABÍLIO CÉSAR BORGES

Carollina Carvalho Ramos de Lima

Introdução

Amais nossa cara pátria?
E como podereis bem servir-lá, se não vos instruireis?
O homem que não ama sua pátria é um monstro.
(*Máximas* escritas por Abílio Borges para serem repetidas pelos estudantes do Ginásio Baiano)

O *Dois de Julho* se destaca no calendário cívico da Bahia e é considerado um marco importante na história política do país, desempenhando um papel fundamental na formação da memória coletiva e na difusão de uma identidade cultural na relação entre local e nacional. Até pelo menos a metade do século XX, a historiografia baiana acerca do conflito difundiu uma narrativa épica sobre a guerra, tratando-a como uma espécie de “mito de origem” (CARRETERO, 1989), supervalorizando a luta armada e o “nascimento” do povo baiano, impactando também na *forma* e no *conteúdo* da história escolar sobre o tema (MOLINA e LIMA, 2022).

Desde o século XIX, a Independência do Brasil na Bahia é um conteúdo presente do ensino primário e secundário na Província, depois Estado, figurando como uma das efemérides que marcam, ainda hoje, a trajetória escolar de boa parte dos estudantes, fazendo-se presente na cultura da escola na longa duração. Como adverte Carlota Boto (2014, p.13):

Se a cultura que a escola veicula é, em alguma medida, interna à própria experiência escolar, certamente há saberes, referências, modelos, que são provenientes do exterior, que têm a ver com determinações de poder, da política ou da inscrição social da ciência e que são apropriados pela instituição na forma de conteúdos e de ritos escolares.

Nesse sentido, como efeméride, as datas cívicas servem de mote para que determinados temas e gestos sejam rememorados a cada ano, de modo que as atividades escolares em curso costumam ser interrompidas para a celebração dos eventos (tidos pela coletividade como) cruciais para a história da comunidade, especialmente aqueles que moldaram a nação (CARRETERO, 2010). Dessa forma, a narrativa histórica ensinada nas escolas desempenha um papel vital na disseminação de uma memória coletiva específica, na qual lembranças e esquecimentos são aspectos culturais moldados e preservados pela sociedade.

AS COMEMORAÇÕES DO *DOIS DE JULHO* NO GINÁSIO BAIANO, DO DR. ABÍLIO CÉSAR BORGES

Carollina Carvalho Ramos de Lima

De maneira geral, as pesquisas revelam a permanência das efemérides e discutem a importância das festas cívicas, especialmente aquelas relacionadas aos marcos históricos nacionais, no contexto do ensino, mostrando como elas são uma parte central dos conteúdos escolares e como os professores de História frequentemente utilizam estratégias didáticas para celebrá-las (CARRETERO, 2010; OLIVEIRA, 1989; SCHMIDT, 2007). Como argumenta Carretero (2010, p.26), a escola e a história ensinada ajudam a estabelecer, desde cedo, as “bases cognitivas e emocionais” das “comunidades imaginadas”ⁱⁱ em seus estudantes, conectando assim a construção da identidade pessoal com a identidade nacional.

No Ocidente, a relação entre a educação histórica e a construção de identidades políticas e nacionais é um tema importante, remetendo aos usos políticos do passado para difusão de narrativas históricas enviesadas e cheia de silenciamentos que interessam a determinados grupos sociais, como estratégia de coesão social, controle e manipulação dos sujeitos – individuais e coletivos. Contudo, esse relacionamento se torna particularmente evidente durante o século XIX, com o surgimento do Estado liberal. Neste contexto, valores como a lealdade e o patriotismo passaram a ser priorizados em detrimento dos valores universais. O ensino da História na escola desempenhou um papel central nesse processo, contribuindo para a formação de cidadãos e a consolidação da identidade nacional.

Nesse sentido, no Oitocentos, os processos educativos, desenvolvidos no âmbito da vida escolar, foram fundamentais na construção dos contornos simbólicos da nação na sua relação com o local, que se refletiram em narrativas compartilhadas, na recuperação de relíquias históricas e na celebração de datas ligadas à pátria. A escola moderna ocidental tornou-se, portanto, um espaço onde os jovens eram socializados e disciplinarizados, e onde se buscava moldar a identidade de futuros cidadãos, formando-os como parte de uma nação unificada, coesa. Segundo Carretero (2010, p. 40 – 41) “a padronização se converte claramente em um objetivo central da instrução a partir do século XIX, quando, junto com a história e a geografia, a língua oferece uma primeira ancoragem necessária para a formação de alunos nacionais.”

Partindo desta premissa, neste texto busco reconhecer conteúdos e práticas relacionadas à história escolar no contexto do Ginásio Baianoⁱⁱ, escola fundada na capital da Bahia em 1858 pelo Dr. Abílio César Borges, tendo em vista as ideias pedagógicas do diretor e alguns discursos e poemas que foram recitados, entre 1861 e 1863, nas festas em

AS COMEMORAÇÕES DO *DOIS DE JULHO* NO GINÁSIO BAIANO, DO DR. ABÍLIO CÉSAR BORGES

Carollina Carvalho Ramos de Lima

homenagem ao *Dois de Julho* que ocorreriam anualmente na escola. A rememoração dos marcos históricos da pátria era fundamental, pois entendia-se que é “nos anos da mocidade e da juventude, que se implantam certos sentimentos na alma, donde nada os desarraiga depois” (BORGES *apud* ALVES, 2000, p.128).

Dr. Abílio Borges, futuro Barão de Macaúbasⁱⁱⁱ, enfatizava a importância da educação geral, combinando o desenvolvimento individual com a preparação para viver em sociedade. A literatura, especialmente a poesia, era vista como uma ferramenta para “falar tanto ao coração quanto à razão”, cultivando a imaginação e a sensibilidade dos alunos. Segundo Borges, em seu discurso de inauguração do colégio:

O moço que tem cursado *o estudo da gramática, da história, e da geografia, etc., não tem só enriquecido sua memória, desenvolvido sua imaginação, esclarecido o gosto e fortificado seu juízo*; tem demais, por assim dizer, entrado em comércio de afeição com os seus semelhantes; seus costumes e seu caráter hão recebido uma salutar modificação, tem adquirido enfim o amor do bem e o sentimento do belo: [...]. - Ele não pode cessar de cultivá-las sem ver cair em derredor de si todas essas artes que dão vida às nações. (BORGES, 2000, p. 47-48, *grifos nossos*).

Ao que consta, os alunos do Ginásio Baiano eram encorajados a produzirem textos literários e a performarem em eventos festivos chamados de "outeiros poéticos" ou "festins literários", que ocorriam em datas cívicas como o 2 de julho e o 7 de setembro, além dos aniversários do diretor e nas cerimônias de encerramento do curso, em novembro (ALVES, 2000). Nesses eventos, além dos estudantes, era comum a presença dos professores e de “ilustres” convidados, incluindo poetas renomados da cidade e políticos proeminentes, fomentando, em alguma medida, a cena literária baiana^{iv}.

Desse modo, como parte da cultura escolar construída nos espaços administrados por Abílio, os textos declamados por alunos e convidados nos outeiros poéticos do Dois de Julho e do Sete de Setembro, embora neste estudo apenas explore os relacionados à Independência na Bahia, se constituem em fontes interessantes para pensar os conteúdos e as práticas que permearam a educação histórica das elites baianas em fins da década de 1850 e ao longo de 1860 - período importante do ponto de vista cultural e político, com a criação de associações literárias e a expansão dos estabelecimentos de ensino privados. Ao serem lidos à luz da historiografia sobre o período, considero ser possível delinear as ideias históricas que circulavam entre os alunos do Ginásio e os gestos que compunham uma liturgia escolar voltada para a formação do cidadão, em bases liberais, cuja perspectiva romântica é marca indelével e o alinhamento aos propósitos nacionalistas da

AS COMEMORAÇÕES DO *DOIS DE JULHO* NO GINÁSIO BAIANO, DO DR. ABÍLIO CÉSAR BORGES

Carollina Carvalho Ramos de Lima

história escolar é perceptível. Afinal, como aponta Mario Carretero (2010, p. 47), a história escolar, forjada no século XIX, para atingir seus objetivos “identitários-românticos”, tem que ser capaz de promover “uma adesão emocional e uma subjetivação progressiva de representações e sistemas de valoração” relacionadas à nação (CARRETERO, 2010, p.47).

No âmbito da História da Educação, as pesquisas denotam que Abílio Borges teve uma trajetória dinâmica e complexa. Uma busca pelo nome completo do educador e o nome de sua escola baiana, ambas entre aspas, na base do Google Acadêmico retornou (nada menos que) 1.070 resultados, no primeiro caso, e 264 no segundo, incluindo as citações. Longe de acharmos que esta é toda a produção sobre Borges e o Ginásio Baiano, notamos um número significativo de estudos que o mencionam sob diversas perspectivas teóricas e diferentes enfoques, dos quais destaco: autor de livros escolares (BITTENCOURT, 2007; TRINCHÃO, 2007; PAIS, 2019); representante da pedagogia moderna e um defensor da campanha "anti-palmatória" (GONGRA; SAMPAIO, 2010); apoiador dos exercícios físicos obrigatórios (VALDEZ, 2006; MELO, PERES, 2016); político reformador da instrução pública e preocupado com a formação de professores (ALMEIDA *et. al.*, 2022). Estudos mais recentes, também, têm se concentrado em seu engajamento político proeminente, especialmente no contexto de sua participação ativa nas campanhas pelo fim da escravidão (ALONSO, 2015) e na formação política oferecida a seus estudantes (SOUZA, 2015). Nessa busca inicial, contudo, não encontramos trabalhos específicos que se dediquem aos conteúdos e às práticas que envolviam o ensino de História na instituição, em especial as festividades em torno das efemérides cívicas.

Desse modo, com o propósito de contribuir com estudos nessa seara, neste artigo nos interessa pensar: como a cultura cerimonialista, materializada nas festividades cívicas que ocorriam no Ginásio Baiano, desvela a *forma* e o *conteúdo* da história escolar em relação às efemérides associadas ao processo de Independência do Brasil na Bahia no século XIX? Além disso, em que medida essa liturgia escolar, voltada para a formação do cidadão com base em princípios liberais e românticos, se alinhava com os propósitos modernos da história como disciplina escolar no contexto de emergência dos Estados-nação?

Para esboçar algumas possíveis respostas a essas perguntas, optei por dividir o texto em outras três partes, para além desta breve introdução. Na primeira, apresento um quadro geral da educação na Bahia nas décadas de 1850 e 1860, quando o Ginásio Baiano

AS COMEMORAÇÕES DO DOIS DE JULHO NO GINÁSIO BAIANO, DO DR. ABÍLIO CÉSAR BORGES

Carollina Carvalho Ramos de Lima

foi inaugurado por Borges, buscando situar o lugar desta instituição naquele contexto, as ideias pedagógicas que a orientava, bem como sua organização curricular. Na sequência, destaco a presença da história (nacional) no Programa de estudos do colégio, bem como as ideias do diretor acerca do conhecimento histórico e do ensino desta disciplina. Além disso, discuto, a partir da produção literária dos alunos de Borges, a forma e o conteúdo da história escolar relacionada às efemérides da Independência, a fim de compreender a força simbólica dessas datas no imaginário escolar de um colégio de referência para a educação secundária das elites imperiais. No final, teço algumas considerações pensando a intrínseca relação entre a história escolar e o nacionalismo romântico, atravessada por ideias antiescravistas que passavam a fazer parte do repertório oferecido no Ginásio Baiano.

O Ginásio Baiano e a modernização das ideias e das práticas educativas

A década de 1850 ficou marcada por uma arrefecida dos movimentos sociais devido à repressão e à crise econômica, agravada pela decadência da lavoura do açúcar e por epidemias de febre amarela e cólera. Este cenário teve impactos na educação da Província, entre eles o adiamento de discussões e ações do governo na direção de constituir novas leis para o funcionamento do sistema escolar. Em função da crise sanitária, por vezes o Conselho de Instrução Pública foi impedido de realizar reuniões, atrasando a agenda de trabalho de seus membros. Nesse período, a mudança mais significativa foi a centralização da administração da educação com a criação do Diretor Geral dos Estudos, substituindo o Conselho. (DICK, 2002).

Na década seguinte, houve tentativas do estabelecimento de um Regulamento Orgânico, influenciado pela Corte. A reforma de 1860 resultou no fim das aulas secundárias públicas fora do Liceu Provincial, concentrando-as na capital. Os professores foram transferidos ou jubilados, e o Diário de Classe foi instituído a fim de garantir maior controle das atividades docentes pela Diretoria. Além disso, proibiu-se que os professores acumulassem atividades públicas e privadas e instituiu-se concursos para preenchimento dos cargos no magistério. (DICK, 2002).

O Regulamento ainda disciplinou o ensino secundário em três etapas, estipulando taxas, castigos e exames. No entanto, a questão da matrícula por matéria no Liceu Provincial permaneceu sem solução, prejudicando a aceitação dos alunos para exames preparatórios e o ingresso nas academias e cursos superiores. Com assinala Sara Dick

Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino

ISSN 2595-6361

Vol. 6, N. 12, ano 2023, páginas 7 - 32

AS COMEMORAÇÕES DO DOIS DE JULHO NO GINÁSIO BAIANO, DO DR. ABÍLIO CÉSAR BORGES

Carollina Carvalho Ramos de Lima

(2002), as décadas de 1850 e 1860 foram marcadas por tentativas de sistematização das políticas públicas para Instrução Pública, com a elaboração do primeiro Regulamento Orgânico para a educação da Província.

Tratava-se de um grande passo na organização do ensino secundário na Bahia, tendo em vista que o quadro que se desenhava era o de que esta etapa dos estudos precisava ser remodelada e reorganizada a fim de oferecer uma boa formação para os filhos das elites baianas. Os problemas que acometiam o ensino secundário público, incluindo a questão da não aprovação de seus alunos para as faculdades, fomentaram uma “evasão para o ensino particular, incrementada com a criação e afirmação de escolas particulares de peso como o Ginásio Baiano - dirigido pelo ex-Diretor Geral de Estudos Abílio César Borges” (DICK, 2001, p.19). A situação complicada do Liceu persistiu até a reforma de 1873 e, sem dúvida, o desprestígio da principal instituição pública secundária na Bahia favoreceu os negócios de Abílio Borges, cuja experiência na administração pública, como Diretor da Instrução Geral, entre 1856 e 1857, acabou por lhe dar maior sensibilidade aos problemas enfrentados nesta etapa do ensino e, principalmente, uma boa reputação na cena educacional na Província, ainda que durante sua permanência no órgão ele tenha tido pouco espaço de ação e sofresse certa resistência por conta de suas ideias (GONDRA e SAMPAIO, 2010).

Embora houvesse outros colégios privados, o Ginásio Baiano, passou a ser o preferido pelas famílias das camadas mais altas da sociedade baiana^v. Fundado em 1858, logo assim que saiu da pasta da Instrução Pública, o Ginásio também ofertava o ensino primário, além do secundário. Como diretor, Borges adotou um plano de estudos de base humanista e introduziu métodos, livros e instrumentos didáticos considerados inovadores à época, com os quais muito provavelmente teve contato em muitas das suas viagens pela Europa e pela América e de seu interesse por modelos e recursos pedagógicos utilizados em outros lugares.

Segundo Carlos Souza (2015), Dr. Abílio adaptou o modelo do Colégio Pedro II à realidade da Bahia e se afastou de uma abordagem mais tradicional, baseada na memorização de tópicos, para introduzir no Ginásio Baiano métodos de ensino centrados na criança e em sua compreensão do mundo. Além disso, promoveu em sua escola uma educação abolicionista, sendo “um dos poucos na elite imperial disposto a discutir a abolição na sociedade” (ALONSO, 2015, p. 34). Aliás, o diretor aboliu o uso de

AS COMEMORAÇÕES DO *DOIS DE JULHO* NO GINÁSIO BAIANO, DO DR. ABÍLIO CÉSAR BORGES

Carollina Carvalho Ramos de Lima

escravizados na instituição, conforme consta em seu regimento, empregando na escola apenas trabalhadores livres.

Apesar do pensamento e de práticas educativas inovadoras^{vi}, pode-se dizer que Abílio César Borges abordou a educação de uma maneira que combinava elementos tradicionais, relacionados à moral cristã e aos modos aristocráticos^{vii}, com uma abordagem mais liberal, pautada em premiações ao invés de castigos corporais. Nessa direção, defendia uma educação baseada na confiança e no estímulo do livre arbítrio das crianças. Em seu discurso de inauguração do Ginásio, ele criticou os métodos antigos que incluíam castigos físicos e enfatizou a importância de tornar o aprendizado agradável e significativo. Além disso, era defensor de um ensino mais prático, começando com conceitos simples antes de abordar os mais abstratos e complexos.

Em um parecer publicado no *Jornal do Commercio*, há destaque para o caráter inovador das ideias pedagógicas e os resultados obtidos com métodos do Dr. Abílio, em um ambiente escolar que valorizava as artes e os interesses dos estudantes. Segundo o texto, no ensino primário:

[...] sem oprimir os seus discípulos em longas e fastidiosas horas de trabalho, e pelo contrário, aligeirando este com frequentes recreações e brincos de que falamos. E tudo isto não o impede de desenvolver nos meninos confiados aos seus paternais cuidados as forças físicas com exercícios cotidianos de ginástica e os gostos das belas-artes, pois todos os seus discípulos sabem cantar, muitos tocam piano e outros instrumentos, aprendem a dançar e cultivam de modo surpreendente a importantíssima arte do desenho [...]. (*JORNAL DO COMMERCIO*, 23 dez. 1874).

A inovação do pensamento educativo do Dr. Borges, portanto, se manifestava na forma como ele relacionava o ensino e a aprendizagem, levando em conta as características individuais dos alunos, valorizando a agência criativa deles. Nesse sentido, ele buscava fomentar espaços para a criação artística e literária dos estudantes, em consonância com as tendências em voga e, também, se opunha ao uso de castigos físicos, argumentando que eles não promoviam a reflexão e mantinham os alunos presos à memorização.

Castro Alves (2019, p.9), um de seus mais notáveis ex-alunos, certa vez disse que “para a época, as ideias do doutor eram o máximo: estudávamos várias matérias ao mesmo tempo, não recebíamos castigos físicos, éramos incentivados a participar de torneios literários”. Lizir Alves (2000), por sua vez, destaca que Abílio Borges foi um educador incompreendido, reconhecendo-o como uma "energia" produtiva, porém frequentemente

AS COMEMORAÇÕES DO *DOIS DE JULHO* NO GINÁSIO BAIANO, DO DR. ABÍLIO CÉSAR BORGES

Carollina Carvalho Ramos de Lima

mal interpretada por sua sociedade. No entanto, reforça que a biografia de Borges deve ser contextualizada no cenário político e intelectual da época, especialmente no que diz respeito à formação escolar e à educação da juventude. Em 12 de janeiro de 1860, o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro dedicou um editorial à destacada importância do Ginásio Baiano, o que denota que a fama do diretor já havia ultrapassado as fronteiras da Bahia:

Do Ginásio Baiano, sairão moços em cujo espírito, vicejarão as flores literárias, em cujo coração, estarão enraizados os princípios da moral, cuja saúde testificará os cuidados providentes de quem sabe quanto vale *mens sana in corpore sano*. (*JORNAL DO COMMERCIO*, 12 jan. 1860).

Tal apresentação denota elementos cruciais que moldaram a memória em torno dessa instituição: o desenvolvimento do espírito e do corpo, ou ainda, a da emoção e da razão. Nessa direção, um dos pontos centrais era a formação literária excepcional dos alunos, além de Castro Alves já citado, outro notável ex-aluno foi Rui Barbosa. Os estudantes do Ginásio frequentavam saraus e reuniões literárias e frequentemente homenageavam datas históricas significativas para a Província e para a Nação, como o Dois de Julho e o Sete de Setembro. Nos outeiros poéticos e festins literários, como eram chamados, os alunos tinham a oportunidade de apresentar suas próprias produções literárias, contribuindo, segundo o diretor, para a grandeza da Bahia e demonstrando suas notáveis habilidades poéticas.

Além disso, Borges defendia a importância da formação física dos alunos e o tema tornara-se relevante nas discussões sobre a organização de planos de estudo no Brasil na segunda metade do século XIX. O diretor baiano fez questão de incluir a educação física no currículo, destacando a importância da relação entre o físico e a mente, por meio de exercícios físicos diários e jogos como parte integrante do currículo (VALDEZ, 2006). No mais, os exercícios físicos serviriam também como um meio de controle sobre o corpo, o que contribuiria para a formação moral dos alunos e a disciplinarização dos corpos. Na direção do que Gondra e Sampaio (2010, p.81) chamam de um “novo humanismo”, no qual “a intervenção sobre o curso da vida, a educação humana deveriam incidir sobre o interior do homem, como forma de melhor ajustá-lo ao modelo que se pretendia construir.”

Para abrigar sua escola, Borges escolheu, estrategicamente, um terreno na "Roça do Jacaré", lugar próximo ao forte e ao Largo do Barbalho, nos limites da cidade alta de Salvador. Sua intenção era proporcionar um ambiente afastado das distrações da cidade,

AS COMEMORAÇÕES DO *DOIS DE JULHO* NO GINÁSIO BAIANO, DO DR. ABÍLIO CÉSAR BORGES

Carollina Carvalho Ramos de Lima

uma vez que criticava a localização do Liceu Provincial no Largo da Palma. Borges acreditava que uma chácara espaçosa, longe do burburinho da cidade, oferecia um ambiente salubre propício para atividades físicas e banhos, além de contribuir para a formação moral dos alunos.

Além disso, Borges fez a opção por um regime de internato que se inspirava na bem-sucedida experiência do Colégio Pedro II, na Corte. O Ginásio inicialmente aceitava tanto alunos internos quanto externos, mas devido ao aumento no número de matrículas, logo passou a aceitar apenas alunos internos^{viii}. Esses alunos eram divididos em pensionários e semi-pensionistas, dependendo se o colégio fornecia ou não o enxoval. O diretor estabeleceu um sistema de pagamento que refletia a estrutura socioeconômica da época, tornando a instituição acessível apenas aos filhos de famílias da elite local. No Programa obrigatório, o Ginásio oferecia disciplinas como línguas, leitura, gramática, matemática, história, geografia e ginástica, além do ensino religioso.

A história escolar e o Ginásio Baiano

Na Província baiana, a primeira legislação relacionada ao ensino de História foi a Lei nº 4 de 02 de maio de 1835, que criava em Salvador “uma Aula Pública de Geografia e História”^{ix}. Nas instituições privadas, por sua vez, a presença das duas disciplinas nos programas de ensino era uma decisão de seus mantenedores, porém, tendo em vista que tais matérias eram cobradas nos exames, geralmente as escolas de ensino secundário tinham aulas de História e Geografia. Contudo, no primário o mesmo não acontecia, de modo que os conteúdos históricos apareciam pela vontade pessoal dos docentes e de forma fragmentada, entremeada aos episódios da história cristã e da história pátria.

Nesse sentido, a presença do ensino de história já nas primeiras séries defendida e implementada nas escolas do Dr. Abílio é mais um aspecto que indicam o caráter inovador de suas ideais e práticas educacionais. Aliás essa era uma luta antiga do diretor, quando ele ainda estava à frente da Diretoria de Instrução, em seu plano de reformulação do Programa da Escola Normal^x, instituição responsável pela formação dos professores primários na Província, que fora apresentado no relatório de 1856, a proposta era que fosse ofertada mais disciplinas ligadas à História, ampliando sua presença em todos os anos. O intento visava ampliar o repertório cultural dos discentes, e denota uma expectativa de que ao ofertar tais disciplinas aos futuros professores primários, possivelmente, essa formação reverberaria nas aulas que eles viessem a dar. Dentre as

AS COMEMORAÇÕES DO *DOIS DE JULHO* NO GINÁSIO BAIANO, DO DR. ABÍLIO CÉSAR BORGES

Carollina Carvalho Ramos de Lima

orientações, Dr. Borges recomendou ao professor de História Sagrada, o Sr. Belarmino, que em suas aulas na Escola Normal ele desse “maior extensão no estudo da História Eclesiástica com explicações da Bíblia etc.” (BORGES, 1856, p.46-47.

Em alguma medida, essa história escolar, que concilia a história do Brasil e a história cristã (católica), pode ser reconhecida já na primeira Lei Geral de Instrução Pública estabelecida para o país, em outubro de 1827 (SILVA, 2022). Borges, por sua vez, via o ensino da religião como um componente essencial na educação das crianças. Isso é evidenciado no seu relatório de 1856, quando ele era Diretor Geral de estudos, no qual ele enfatizava a importância dos professores, tanto públicos quanto privados, conduzirem seus alunos à missa uma vez por semana e estabelecerem penalidades para aqueles que não cumprissem essa obrigação (BORGES, 1856, p. 67) e, também, quando ele orienta o professor a incluir mais temas da história cristã em suas aulas.

A partir da orientação de Borges, é possível inferir que no espaço escolar e em seus materiais didáticos a narrativa bíblica, considerada um texto sagrado transforma-se em uma forma de cultura universal, marcada pela superioridade cristã. Isso ocorre por meio de uma série de contrastes binários que colocam em oposição costumes, valores e princípios sociais, tais como verdadeiro/falso, certo/errado, útil/inútil, rústico/civilizado, bem/mal e bom/ruim. Trata-se, portanto, de uma história permeada por juízos de valor, em que o “binarismo incorpora uma função instrutiva ou pedagógica na medida em que apresenta padrões de moralidade e excelência” (FILLAFER apud FARIA JUNIOR e GUIMARÃES, 2020, p.827). Faria Júnior e Selva Guimarães (2020, p.825) identificam nessa abordagem “um duplo objetivo no âmbito do ensino de História: assegurar a manutenção da moralidade cristã como retificadora da ordem social e política, bem como ajustar educandos aos projetos políticos idealizados pela Monarquia.”

No Ginásio Baiano, por sua vez, o Programa (*apud* ALVES, 2000, p.26) estabelecia, entre outras matérias, a “História, principalmente a nacional”. Além disso, os alunos estavam divididos em três classes, segundo suas idades. A primeira classe correspondia aos estudantes com até 10 anos, a segunda, os de 10 a 14 anos, a terceira com os de 15 em diante, sendo que, por volta dos 12 anos, os estudantes iniciavam os estudos secundários. Na distribuição da carga horária das aulas dadas por semana, as duas disciplinas (História e Geografia) ocupavam 1h30 cada uma. O primeiro a ocupar-se das aulas de História foi Bernardo Ed. Etcheccoin, depois quem assumiu foi Padre Antonio Macedo Costa, que posteriormente tornou-se Bispo do Pará.

AS COMEMORAÇÕES DO DOIS DE JULHO NO GINÁSIO BAIANO, DO DR. ABÍLIO CÉSAR BORGES

Carollina Carvalho Ramos de Lima

Ainda que os alunos viessem a ter maior contato com conteúdos históricos mais densos e com maior aprofundamento somente no ensino secundário, por conta dos exames de admissão das Faculdades, na escola de Borges, como disse anteriormente, a presença da história se daria desde as primeiras séries, por meio da leitura de contos. Segundo Borges:

É também por este método, isto é, por narrações feitas pelos mestres, que começam as *primeiras noções de história, desatravancadas das impertinentes minucias cronológicas*, e compreendendo somente os fatos capitais interessantes, descarregados das circunstâncias puramente acessórias. É porque *o estudo da história abraça quase que exclusivamente a história do próprio país*, pode torna-se (*sic*) completo quanto convém; e as ideias sobre que insistem os mestres, e os livros postos nas mãos dos discípulos, têm por fim fazê-lo conhecer os recursos financeiros, industriais e comerciais desta terra natal, suas produções, a natureza e excelência de suas instituições políticas, *em suma tudo que pode gravar no coração o amor da pátria*, a uma confiança ilimitada na grandeza de seus destinos. (BORGES, s/d, p. 8, *grifos meus*).

O método que inaugura as primeiras lições de história estaria, portanto, baseado nas narrativas dos mestres, as quais destacam os eventos significativos, desconsiderando detalhes cronológicos, de modo que o foco não estaria na “decoração das datas”. Dado que o estudo da história muitas vezes se concentra na história nacional, os mestres, com a ajuda de bons materiais didáticos, buscariam apresentar aos alunos os recursos financeiros, as indústrias, o comércio, as produções e as instituições políticas do país. Em última análise, o objetivo era incutir no coração dos alunos o amor pela pátria e uma confiança inabalável em seu destino grandioso.

Para Borges, no ensino primário, a linguagem dos materiais utilizados deveria ser simples, a fim de garantir a inteligibilidade, além de estarem ambientados no universo dos meninos, tornando mais significativo o aprendizado. Borges considerava ser fundamental a adequação dos conteúdos e das abordagens pedagógicas ao grau de maturidade do pensamento dos meninos, portanto livros sofisticados demais não seriam capazes de atrair a atenção das crianças, parecendo que seus autores os escrevem mirando “antes ganhar a estima dos leitores adultos do que a prestar um serviço à instrução da infância” (BORGES, *Conselhos Pedagógicos*, IGHB, s/d, p.3). Nominalmente ele cita o *Tesouro de Meninos*^{vi}, como um exemplo de obra com linguagem inadequada às crianças, mas amplamente utilizado nas escolas, e em contraposição, faz uma referência ao *Curso*

AS COMEMORAÇÕES DO *DOIS DE JULHO* NO GINÁSIO BAIANO, DO DR. ABÍLIO CÉSAR BORGES

Carollina Carvalho Ramos de Lima

de história contada aos meninos, voltado para o ensino de história, do educador francês

Mr. Levi, como um bom livro para o ensino primário. Citando Levi, Borges argumenta:

Censura-se ao autor da História contada o uso da simples linguagem empregada ordinariamente considerado a grande dificuldade que se experimenta em escrever para meninos, si se quer ser entendido deles: esquecem-se que os fatos que ele conta acham-se em todos os livros, os quais até o presente não tem servido de utilidade para a instrução elementar, por serem redigidos como para pessoas de espírito esclarecido; esquecem-se que a lucidez de um estilo simples e sem pretensão é, quando se fala aos meninos, um mérito a que todos os outros devem ser subordinados. (Borges, *Conselhos Pedagógicos*, IGHB, s/d, p. 4-5)

Em seus livros escolares, o educador também fez questão de incluir eventos e personagens históricos permeando-os nas narrativas que eram apresentadas. Borges certa vez disse, justificando-se, que em suas obras “os meninos e o povo encontrarão grande número de noções elementares das ciências físicas e naturais, assim como literatura, história e indústria, que a infância tem necessidade de conhecer, e que a idade adulta não deve ignorar” (BORGES, s/d, p.4).

Borges via no ensino de história uma oportunidade de ampliar o repertório cultural dos estudantes e apresentá-los exemplos históricos de “boa moral” e sofisticar suas formas de compreender o mundo e, principalmente, de formar cidadãos comprometidos com a nação. Para tanto, em suas palavras, ele “deve ter caráter nacional, isto é, cumpre que seja obrigatório nas escolas brasileiras o estudo da história, de sua geografia, e de seu idioma, bem como a instrução moral e cívica” (BORGES, s/d, p. 18).

No Ginásio Baiano, o ensino de História seguia uma abordagem que combinava tradição e inovação. Embora a instituição tenha seguido de perto o currículo do renomado Colégio Pedro II, as práticas educacionais de Borges facilitaram a difusão de um novo repertório pedagógico entre seus alunos, tornando a educação no Ginásio um espaço crucial para discussões políticas. Não à toa, muitos de seus egressos, como Castro Alves e Rui Barbosa, cada um a seu modo, se envolveram em movimentos políticos e na luta abolicionista.

Assim, o ensino de História no Ginásio Baiano era uma combinação de aprendizado da história oficial do Brasil, com referências ao passado colonial, com discussões sobre questões políticas e sociais do momento, performadas em cerimônias e festas periódicas que apresentavam uma liturgia própria implicada com a formação cívica. A educação no colégio não se limitava a preparar os alunos para a academia, mas também

AS COMEMORAÇÕES DO *DOIS DE JULHO* NO GINÁSIO BAIANO, DO DR. ABÍLIO CÉSAR BORGES

Carollina Carvalho Ramos de Lima

os transformava em membros de uma elite educada e modernizadora, com um profundo compromisso com a abolição da escravidão e a renovação da sociedade brasileira. Portanto, é possível inferir que o Ginásio Baiano desempenhou um papel importante na formação de jovens que passaram a atuar e interferir na vida política e cultural do país.

Dr. Borges acreditava que a narrativa histórica era para ser inculpada na mente dos alunos em seus anos escolares e deveria estar de acordo com certos padrões que continuariam a acompanhá-lo na vida adulta. Se a história antiga desempenhava um papel moralizador crucial, conforme o modelo virtuoso dos clássicos e do caráter de “mestra da vida”, como apregoava Cícero, o ensino da história nacional, imbuída dos valores românticos de liberdade e heroísmo, tinha a função de formar um cidadão.

Em última instância, as disciplinas de humanidades eram consideradas centrais na formação educacional de um indivíduo bem-educado, e tinham como objetivo principal a compreensão da racionalidade do homem moderno como um elemento fundamental na narrativa da história humana, com o Estado desempenhando um papel central. (SILVA, 2022). Este aspecto, por exemplo, foi ressaltado pelo professor Padre Antônio Costa, quando, na ocasião da inauguração do Ginásio, enalteceu a figura de Borges a “quem [em suas palavras] soube preencher a lamentável lacuna que havia esse nosso ensino clássico, inaugurando nesta Capital, uma cadeira de História”, pois, compreendera “a necessidade de pôr-se ainda neste ponto, ao nível da culta Europa.” (BORGES, s/d, p.65).

Para além da história europeia como conteúdo escolar, o contato de Borges com o universo cultural do Velho continente foi oportunizado durante as viagens pedagógicas do diretor que se apropriava crítica e criativamente de variados modelos e materiais didáticos. Desse modo, a abordagem inovadora de Borges não se limitava apenas ao currículo, se estendendo também aos métodos e aos artefatos pedagógicos empregados no ensino das diferentes áreas, inscritos na cultura material da escola. Consta, por exemplo, que em seu colégio da Corte para se ensinar História eram usadas “gravuras representando os grandes acontecimentos humanos” e que “havia uma galeria constituída pelos retratos dos varões ilustres do Brasil e uma galeria universal com os retratos e bustos em gesso e em mármore e em bronze dos heróis e mártires”. (BORGES, s/d, p.6).

Dentre os materiais didáticos usados para o ensino da disciplina, aparece no programa do Colégio Abílio o uso de um método mnemônico polonês para o ensino de História universal, conhecido como *Método Zaba*. Seu criador, o polonês Napoleão Félix Zaba, viajou pelo Brasil, entre 1870 e 1871, fazendo a divulgação do material no Rio de

AS COMEMORAÇÕES DO *DOIS DE JULHO* NO GINÁSIO BAIANO, DO DR. ABÍLIO CÉSAR BORGES

Carollina Carvalho Ramos de Lima

Janeiro, em São Paulo, na Bahia e em Pernambuco (LIMA, 2023, 2024), mas é provável que Borges tenha conhecido o sistema franco-polonês^{xii} em alguma de suas viagens para a Europa, já que como aponta Resemberg e Crafton (2013), o método mnemônico “varreu a Europa” no século XIX.

No Ginásio Baiano, além das aulas de História, as festas cívicas, os saraus literários e outras atividades culturais faziam parte do calendário escolar e permitiam aos alunos entrarem em contato com poetas, ativistas e membros proeminentes da sociedade local. Por vezes, os temas e os motes que permeavam a produção e davam sentido a esses momentos eram relacionados à história pátria. Sendo assim, eles podem ser considerados espaços de ensino e aprendizagem histórica.

A primeira produção literária de Rui Barbosa, por exemplo, foi um soneto em versos alexandrinos escrito em 1865 para comemorar o Dois de Julho. De acordo com b (1954, p.26), do ponto de vista formal, tratava-se de uma poesia épica que “se embrenha em notas de Castilho António, rebate um autor da terra, cita franceses, latinos e termina por uma calorosa apologia do que considera uma novidade.” (LACOMBE, 1954, p.26). Maria Lúcia Melo (2000, p.235), que trabalhou com vários manuscritos de Rui Barbosa e, entre eles, seus cadernos dos tempos do Ginásio Baiano, aponta que, aos 15 anos, o jovem mostrava erudição, pois “anotava com exatidão as fontes consultadas, citando a edição, o local, a data, a página e, às vezes, a linha, transparecendo o respeito à documentação em suas pesquisas”. Entre os autores citados, estavam: “Castilho, Antônio Herculano, Camões, Frei Luís de Sousa, Padre Vieira, o mais citado (edição de 1748), Frei Heitor Pinto (edição de 1681), Dr. Antônio Ferreira (edição de Paris, 1865)”. Referências que denotam, também, a presença dos escritores portugueses na formação literária no colégio do Dr. Abílio.

Com a preocupação de publicizar o que acontecia em sua escola, ao passo que servia também como propaganda de seus métodos pedagógicos, Borges costumava reunir as produções literárias dos alunos em folhetos, alguns dos quais foram catalogados, mas acabaram desaparecendo dos acervos. Esses folhetos incluíam poemas e discursos recitados, por alunos e convidados, durante os eventos festivos, alguns deles também publicados à época no *Diário da Bahia*. Ao falar dessas festas escolares, Castro Alves confessou:

Para mim, que já trazia o amor à arte cultivado em família, foi uma espécie de preliminar para a (desculpem a imodéstia) glória futura. *Celebrávamos principalmente as datas cívicas, e esse amor prematuro*

AS COMEMORAÇÕES DO DOIS DE JULHO NO GINÁSIO BAIANO, DO DR. ABÍLIO CÉSAR BORGES

Carollina Carvalho Ramos de Lima
aos feitos brasileiros deixou sementes que iriam germinar na minha poesia de adulto.” (ALVES, 2019, p.10, grifos nossos).

Nas festas em homenagem ao Dois de Julho especificamente, os alunos tinham contato com literatos e repentistas^{xiii} que lutaram na guerra. Um deles era Francisco Moniz Barreto, conhecido como “poeta soldado”, autor de *Clássicos e românticos* (1855) e presença marcante nos festins promovidos na escola. Dizia ser o “cantor do Ginásio” e era amigo próximo de seu diretor, para o qual sempre enviava por escrito os versos improvisados durante a atividade no colégio. Na Guerra da Bahia, o repentista foi 1º cadete do Exército Pacificador, organizado em fins de 1822, mas, sua carreira militar não teria terminado ali. Em dezembro de 1826, já como 2º tenente, ele esteve na primeira campanha da Cisplatina. Esse passado militar sempre era resgatado nos versos cantados no Ginásio Baiano. Em sua participação no outeiro poético de 1861, por exemplo, ele improvisou em redondilhas maiores: “De ser baiano me orgulho/Vendo o nosso Dois de Julho/Assim, festejado aqui”, e continuou “Eu veterano soldado,/Eu poeta, a vosso lado,/Cumprindo um duplo dever,/Um brinde à nossa vitória/ Na taça eterna da glória/Venho, mancebos, fazer.” (BARRETO *apud* ALVES, 2000, p.61)

Depois, Barreto, em versos, pediu a benção do Padre Costa, que também era o professor de História, fazendo referência à Batalha de Pirajá, uma das mais emblemáticas das guerras pela independência: “Pela sagrada pessoa/Do Bispo do Grão-Pará/O dia de Pirajá/ *Deus lá do céu abençoa/Do Abílio esforços coroa/A celeste Divindade;/Recordado a imensidade/Do feito nossos famosos/Torna-se mais glorioso/O festim da mocidade*” (BARRETO *apud* ALVES, 2000, p.63-64, *grifos do original*).

Aliás, a menção exaltada da Batalha de Pirajá é recorrente nos versos criados pelos alunos do Ginásio, desvelando ser este um episódio marcante na história escolar difundida nas aulas do Padre Costa. Sobre o tema, nesse mesmo festim de 1861, Castro Alves reforçou em seus versos a derrota portuguesa: “Em Pirajá, em Cabrito/De Lísia já se ouve o grito,/Surdos gemidos de dor./Já nem se lembram de glória,/Esquecem té a memória/Dos seus feitos de valor” (ALVES *apud* ALVES, 2000, p.69-70). Já, seu colega de turma, Antônio Alves Carvalhal, destacou a coragem dos baianos no *front* de guerra e o desejo de liberdade que permearam a luta: “Em Pirajá valorosos/ Vão Baianos combater,/E lá sabem gloriosos/Seus direitos defender:/E como guerreiros bravos/De tiranos vis e pravos/Não querem mais ser escravos,/Querem mil vezes morrer.” (CARVALHAL *apud* ALVES, 2000, p.72).

AS COMEMORAÇÕES DO *DOIS DE JULHO* NO GINÁSIO BAIANO, DO DR. ABÍLIO CÉSAR BORGES

Carollina Carvalho Ramos de Lima

Até, pelo menos, meados do século XX, a narrativa histórica na Bahia acerca do conflito difundiu uma descrição épica da guerra, destacando a luta armada e o evento como momento de nascimento do povo baiano. Nos versos declamados no Ginásio Baiano, a exaltação da luta armada sempre esteve presente, as ideias de “morrer pela pátria” e “lutar pela liberdade” reforçam a idealização romântica que perpassa a história escolar sobre o processo de Independência. Como clamou Carvalhal aos colegas (em 1861): “Como estes guerreiros, heróis denodados,/Da Pátria colunas, sinceros soldados,/Vós, jovens, um dia deveis também ser;/Morrer pela Pátria, mancebos, é glória,/ Morrendo por ela se alcança a vitória, Deveis portanto valentes morrer” (CARVALHAL *apud* ALVES, 2000, p.75).

O que os estudantes parecem não reconhecer é que a maioria das baixas nas tropas ocorreram por conta de adversidades como fome e doenças, uma vez que poucos soldados perderam a vida em combate^{xiv} (REIS, 1988; ARAÚJO, 2001). Além disso, a situação do Exército Pacificador, como observado por Araújo (2001, p.56), não foi das mais favoráveis e "o moral das tropas estava tão debilitado que já haviam se conformado com a ideia de sua incapacidade de tomar a cidade por assalto".

Silenciando o desânimo das tropas e as mazelas de um conflito armado, alguns militares são sempre lembrados pelos alunos como heróis, aparecendo com mais frequência o general Labatut, a quem Aristides Augusto Milton, por exemplo, se referiu (no outeiro de 1861) como “o gigante de Frejus”, e com menos recorrência, Joaquim Inácio de Siqueira Bulcão, o “terror da gente/ O Aquiles brasileiro”, segundo versos do estudante João Batista Guimarães, recitados no festim patriótico ao Dois de Julho, em 1863. Destaca-se, portanto, que os heróis citados nominalmente pelos estudantes (e pelos poetas convidados) eram sempre militares e a comparação com os heróis greco-romanos denota a valorização da História Antiga, centrada nas experiências europeias.

Ademais, dentre os personagens heroicos, os estudantes também faziam menção ao “povo Baiano”, expressão que pode ser lida como uma categoria histórica que generaliza, silenciando diferenças e conferindo unidade e coesão aos diferentes grupos envolvidos no conflito. No mais, e não menos importante, o povo, como herói, ia substituindo a figura do indígena que marcou a primeira fase do Romantismo.

A supervalorização da guerra também é observada no vocabulário beligerante que caracteriza o processo de Independência do Brasil na Bahia nos poemas dos alunos e dos professores do Ginásio. Termos como armas, luta, sangue, combate, espada, arcabuz,

AS COMEMORAÇÕES DO DOIS DE JULHO NO GINÁSIO BAIANO, DO DR. ABÍLIO CÉSAR BORGES

Carollina Carvalho Ramos de Lima

marcha, tropa são recorrentes e aparecem em praticamente todos os textos que compõem a coletânea organizada por Lizir Alves (2000). O próprio Castro Alves reconheceu que, embora fosse neto de militar^{xv}, ele não era “um apologista da guerra”, mas cantava em seus (cinco) poemas em homenagem ao Dois de Julho “os feitos heroicos, as batalhas vitoriosas contra a opressão“, em suas palavras:

Naquele tempo a palavra da poesia, além de ser íntima, também devia ser cívica. Daí tantas confissões de amor à pátria num tom vibrante, que os críticos, décadas depois, me censuraram. Mas não era com sussurros que se incendiava o público: era com entusiasmo, dramaticidade, retórica. (ALVES, 2019, p.11, grifos nossos).

Nesse sentido, é possível dizer que, tendo em vista o conteúdo dos poemas e repentes recitados nas festas ao Dois de Julho, a narrativa histórica escolar que circulava no Ginásio Baiano reforçava certa “memória das elites” em relação à Independência, que exalta o heroísmo baiano, a guerra e os militares, resultando em omissões acerca da participação popular e das diversas aspirações e agendas políticas presentes entre os diferentes estratos sociais envolvidos. Esse enfoque tende a reduzir as tensões e disputas, tanto locais quanto regionais e nacionais, que desempenharam papel crucial no processo de separação política do Brasil em relação a Portugal. (GUERRA FILHO, 2004; MOLINA e LIMA, 2022).

A história escolar, ao adotar uma abordagem patriótica, visa construir uma identidade relacional reforçando a diferenciação entre o "nós" (a nação ou local) e o "outro" (CARRETERO, 2010). Nessa perspectiva, é possível identificar nos poemas declamados nos outeiros do Ginásio, uma narrativa histórica que busca incluir valores que contribuem para a formação de uma imagem positiva da identidade nacional, com ênfase em elementos triunfais, progressistas e messiânicos, em contraposição ao legado opressor da colonização portuguesa.

A versão romântica da história escolar de verniz nacionalista caracteriza o "Outro" como um inimigo indesejado, omitindo diferenças e conflitos históricos, limitando a narrativa à leitura do bem x mal. No caso da Guerra da Bahia cantada pelos alunos, o “Outro” é sempre o português, o lusitano, a quem eles se referem por vezes como “Lísia” – que na mitologia grega personifica a ira. Ainda que em alguns poemas os estudantes e professores reconheçam o triunfo lusitano nas conquistas relacionadas às Grandes Navegações, elas aparecem como parte de um passado remoto, superado, e, frequentemente, os portugueses são descritos como tiranos, representantes de um

AS COMEMORAÇÕES DO *DOIS DE JULHO* NO GINÁSIO BAIANO, DO DR. ABÍLIO CÉSAR BORGES

Carollina Carvalho Ramos de Lima

“governo de ferro e de egoísmo” – para usar a expressão empregada por Deolindo Pontes em seus versos (PONTES apud ALVES, 2000, p. 102).

Ao ler o conjunto dessas produções estudantis, reunidas por Alves (2000), também é possível observar umas das principais marcas do Romantismo: a valorização da liberdade. No entanto, podemos dizer que os poemas dos alunos mobilizaram o ideal nacionalista desenvolvido pelos primeiros românticos, como Gonçalves Dias e Gonçalves de Magalhães, mas incorporaram a ele referências à abolição da escravidão, defendida por Abílio Borges e amplamente debatida em sua instituição de ensino. Nesse sentido, podemos dizer que essa expressão nacionalista se desdobra em uma dupla faceta: a liberdade em relação ao domínio português e a liberdade dos escravizados. O jovem Carvalhal, nessa direção, cantou: “quem de livre a f’licidade (*sic*)/ Batalhou para obter,/Quando chega a ser livre ser/*Muito preza a liberdade./Fácil gozo a humanidade/ Desdenha por condição;/Daí precede a razão/De mais seus foros zelar/Quem lutou para os vingar,/Quem sofreu a escravidão.”* (CARVALHAL apud ALVES, 200, p. 66, *grifos no original*)

A produção poética dos estudantes do Ginásio também reflete a idealização romântica no emprego de imagens heroicas e proeminentes, além daquelas ligadas à dicotomia prisão e liberdade. Desse modo, o sentido de prisão está fortemente associado a palavras como corrente e grilhão, enquanto as ideias de nascimento e florescimento se relacionam à conquista da emancipação política, consequência da coragem de combater os algozes do povo. Nos poemas, o discurso inflamatório e efusivo fica caracterizado pelo uso das exclamações. Frequentemente, a Bahia e o Brasil são representados como um leão e/ou um caçador, metáfora que simboliza a força e a determinação do país em busca de sua identidade. Do ponto de vista mais formal, os estudantes demonstram dominar as formas clássicas, como os versos alexandrinos e os versos decassílabos, mas os combinam com formas mais populares, idealizadas pelos românticos, que são as redondilhas. Nessa direção, em contraposição ao classicismo, o romantismo era menos rígido, oferecendo maior expressão de liberdade criativa e, porque não dizer, política.

Considerando o exposto, fica evidenciada a intrincada relação entre o ensino de história e o nacionalismo romântico no Brasil do século XIX, revelando uma faceta significativa da formação escolar associada à difusão da identidade nacional e à educação política do cidadão brasileiro. No contexto do Ginásio Baiano, a transmissão de conteúdos históricos se dava por meio de exemplos biográficos de figuras relevantes da época,

AS COMEMORAÇÕES DO *DOIS DE JULHO* NO GINÁSIO BAIANO, DO DR. ABÍLIO CÉSAR BORGES

Carollina Carvalho Ramos de Lima

destacando eventos como o descobrimento e a conquista da América portuguesa, a independência e a formação do regime monárquico nos trópicos. A narrativa histórica escolar, em última instância, buscou promover uma visão narcísica, destacando heróis, símbolos culturais e passados comuns para unir a comunidade e fomentar a harmonia entre os membros.

Considerações finais

Desde 1808, a Bahia abrigava importantes instituições ligadas à escolarização, cultura escrita e formação superior, como aulas régias, uma academia médico-cirúrgica, uma biblioteca pública e um seminário arquiépiscopal. Contudo, mesmo diante desses avanços, persistiam problemas no sistema educacional, demandando reflexão e reformulação. Na década de 1850, a, suposta, má qualidade da educação secundária pública fomentou o surgimento cada vez maior de escolas privadas, dentre elas o notável Ginásio Baiano.

Ainda que houvesse resistências às suas ideias, sua influência na educação e sua capacidade de impactar as políticas educacionais no Brasil imperial são inegáveis, especialmente porque, ao longo de sua carreira, Dr. Borges fez questão de difundir seus princípios educativos e de publicizar as ações de suas escolas por meio da imprensa, fomentando o debate público à época, ao passo que ajudou a construir uma memória sobre si, produzindo farta documentação acerca de suas ideias e ações na esfera privada e pública, haja vista as oportunidades em que ocupou cargos públicos e/ou foi representante do Estado brasileiro em missões pedagógicas.

Um exame da relação entre a história escolar e o nacionalismo romântico no contexto do Ginásio Baiano revelou uma intrincada interconexão entre os eventos históricos, a formação da identidade nacional e os ideais pedagógicos do período. Nesse sentido, uma análise do papel desempenhado pela disciplina de História no currículo, as estratégias pedagógicas adotadas por Borges e a representação da guerra da Independência do Brasil na Bahia evidenciam como a narrativa histórica escolar contribuiu para a construção, a circulação e manutenção de uma memória seletiva e uma identidade nacional específica, implicada com elementos da história local.

Dr. Abílio Borges, enquanto Diretor da Instrução Pública, demonstrou especial atenção à integração da História com a religião cristã, considerando o ensino da história bíblica como componente essencial na educação das crianças. Essa abordagem refletia

Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino

ISSN 2595-6361

Vol. 6, N. 12, ano 2023, páginas 7 - 32

AS COMEMORAÇÕES DO *DOIS DE JULHO* NO GINÁSIO BAIANO, DO DR. ABÍLIO CÉSAR BORGES

Carollina Carvalho Ramos de Lima

não apenas a importância da moralidade e valores cristãos na sociedade Oitocentista, mas também a intenção de ajustar os educandos aos projetos políticos idealizados pelas elites políticas.

A abordagem inovadora do diretor no Ginásio Baiano não se limitava apenas ao currículo, mas também aos métodos e aos materiais didáticos. O uso de narrativas biográficas, a simplificação da linguagem nos materiais escolares e a incorporação de eventos históricos e personagens nos textos visavam tornar o ensino de História mais significativo para os alunos, ampliando o repertório cultural e os introduzindo em discussões políticas caras à época. Nesse sentido, a ênfase na moralidade cristã e na história pátria contribuía para a formação de cidadãos comprometidos com a comunidade imaginada da qual fazem parte.

No entanto, a narrativa histórica no Ginásio Baiano revela algumas limitações e tendências. A idealização romântica da guerra da Independência, destacando a figura do herói militar e a supervalorização da luta armada fomentam uma visão limitada, ufanista, épica e mítica do processo histórico. Levando, portanto, a omissão de aspectos como a participação popular e as diversas agendas políticas observáveis no processo, resultando em uma narrativa que não refletia integralmente as complexidades do contexto histórico e silenciava a participação das camadas mais populares da sociedade baiana.

A abordagem patriótica que perpassou a história escolar buscava, em última instância, construir uma identidade nacional positiva, destacando elementos triunfais e progressistas. No entanto, essa narrativa muitas vezes polarizada, com ênfase no "Nós" contra o "Outro" (notadamente os portugueses), reforçou uma versão simplista e maniqueísta da história da Guerra na Bahia e, por extensão, do Sete de Setembro. Considero ser importante reconhecer as limitações dessa abordagem e a necessidade de uma educação histórica que atente para a diversidade de perspectivas e experiências presentes no contexto histórico de 1822 e 1823. Nessa direção, olhar o ensino de história pelo retrovisor me parece ser uma forma de reconhecer, neste momento que celebramos o Bicentenário da(s) Independência(s), que estamos conseguindo tensionar as narrativas hegemônicas – ditas “oficiais” – sobre nosso passado, recusando a idealização e a ausência de disputas, buscando recuperar experiências e sujeitos outros, cuja representação na história é resultado da luta política de movimentos sociais e de movimentos de renovação historiográfica que incorporaram novos objetos e perspectivas, cujos impactos na narrativa histórico escolar já podem ser observados.

AS COMEMORAÇÕES DO *DOIS DE JULHO* NO GINÁSIO BAIANO, DO DR. ABÍLIO CÉSAR BORGES

Carollina Carvalho Ramos de Lima

Referências

- ALMEIDA, Cíntia Borges de; SILVA, Marcelo Gomes da; BONFIM, Raquel Freire. “E eu me comprometo a dar bons mestres à província”: Abílio César Borges e a reabilitação do professorado baiano. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 15, n. 34, 2022.
- ALONSO, Angela. Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88). Editora Companhia das Letras, 2015.
- ALVES, Lizir Arcanjo. **O Ginásio Baiano de Abílio César Borges**: antologia. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2000.
- ALVES, Castro. **Antologia: A Voz da Esperança**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2019.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARAÚJO, Ubiratan Castro de. **A Guerra da Bahia**. Salvador: CEAO/UFBA, 2001.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). **Educação e pesquisa**, v. 30, n. 03, p. 475-491, 2004.
- BORGES, Abílio C. Discurso de inauguração. In: ALVES, Lizir Arcanjo. **O Ginásio Baiano de Abílio César Borges**: antologia. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2000, p.41-53.
- BORGES, Abilio Cesar. **Relatório sobre a instrução publica da província da Bahia**: apresentado ao Ilmo. Exmo. Sr. presidente commendador Alvaro Tiberio de Moncorvo e Lima. Bahia: Typographia de Olavo da França Guerra e Comp., 1856.
- BORGES, Abílio César. Máximas e instruções moraes do Barão de Macahubas. **Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia**, Salvador, v.50, p. 443-447, 1925.
- BORGES, Abílio Cesar. **Conselhos pedagógicos do Barão de Macaúbas, Dr. Abílio Cesar Borges**.: Introdução ao 2º livro de leitura.. Bahia: s.n., s.d.. 9 p.
- BORGES, Joaquim Abílio. **1) Pensamentos sobre Educação e Ensino adotados pelo Barão de Macaúbas** (Dr. Abílio Cesar Borges);2) Alocução do Dr. Joaquim Abílio Borges. Trabalho oferecido ao educador baiano Isaías Assis, diretor do Ginásio Ipiranga da Bahia. (1). Bahia: s.n., s.d.. 13 p.
- BOTO, Carlota. A liturgia da escola moderna: saberes, valores, atitudes e exemplos. **História da Educação**. 2014, vol.18, n.44, pp.99-127. ISSN 2236-3459. <https://doi.org/10.1590/2236-3459/v18n44a7>.
- CARRETERO, Mario. **Documentos de identidade: a construção da memória histórica em um mundo globalizado**. Tradução Carlos Henrique Lucas Lima. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DICK, Sara Martha. **As políticas públicas para o ensino secundário na Bahia**: o Liceu Provincial (1860-1890). Tese (Doutorado em Educação). Salvador: FEUFBA, 2001.
- DICK, Sara Martha. Origem das políticas públicas para o ensino secundário – O Liceu Provincial Baiano–1836 a 1890. **Gestão em Ação**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 91-109, 2002. http://www.gestaoemacao.ufba.br/revistas/gav5n202_fundef.PDF#page=91.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução elementar no século XIX. In LOPES, Eliane; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

AS COMEMORAÇÕES DO *DOIS DE JULHO* NO GINÁSIO BAIANO, DO DR. ABÍLIO CÉSAR BORGES

Carollina Carvalho Ramos de Lima

- FARIAS JÚNIOR, José Petrucio de; GUIMARÃES, Selva. Manuais de ensino de História oitocentistas: reflexões sobre o cristianismo na história escolar no Império do Brasil. *Cadernos de História da Educação*, v. 19, n. 3, p. 817-836, 2020.
- GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. **Educação, poder e sociedade no Império Brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.
- GONDRA, José Gonçalves; SAMPAIO, Thiago. Ciência pela força? Dr. Abílio Cesar Borges e a propaganda contra o emprego da palmatória e outros meios aviltantes no ensino da mocidade (1856-1876). *Acta Scientiarum. Education*, p. 75-82, 2010. <http://educa.fcc.org.br/pdf/actaeduc/v32n01/v32n01a09.pdf>.
- GUERRA FILHO, Sérgio Armando Diniz. **O povo e a guerra: participação das camadas populares nas lutas pela Independência do Brasil na Bahia**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2004.
- LACOMBE, Américo Jacobina. **Formação literária de Rui Barbosa**. UC Biblioteca Geral 1, 1954.
- LIMA, Carollina Carvalho R. de. O METHODO ZABA (1870) E O ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL. **Outros Tempos: Pesquisa em Foco-História**, v. 20, n. 36, p. 267-300, 2023.
- LIMA, Carollina Carvalho R. de. A edição brasileira do Methodo Zaba (1870) e seus usos escolares na Bahia. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 24, n. 1, p. e303-e303, 2024.
- MELO, Maria Lúcia H.L. de. Rui Barbosa e o manuscrito. In: LUSTOSA, Isabel. **Estudos históricos sobre Rui Barbosa**. Edições Casa de Rui Barbosa, 2000, p. 205-256.
- MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria. Relações entre ginástica e saúde no Rio de Janeiro do século XIX: reflexões a partir do caso do Colégio Abílio, 1872-1888. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 23, p. 1133-1151, 2016.
- MOLINA, Ana Heloisa; DE LIMA, Carollina Carvalho Ramos. O jogo duro do Dois de Julho e as narrativas sobre a participação da Bahia na Independência do Brasil em livros didáticos regionais para os Anos Iniciais. *Antíteses*, v. 15, n. Especial, p. 81-117, 2022.
- NUNES, Antonietta D'Aguiar. Fundamentos e políticas educacionais: história, memória e trajetória da educação na Bahia. **Publicatio UEPG – Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes**. Vol. 16, n. 2, 2008. <https://doi.org/10.5212/publ.humanas.v16i2.637>.
- OLIVEIRA, Lúcia Maria Lippi. As festas que a República manda guardar. **Revista Estudos Históricos**, v.2, n. 4, p. 172-189, 1989. **Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia**. Número especial dedicado ao Barão de Macahubas. N. 50, vol. 1, 1925.
- PAIS, Luiz Carlos. Materiais didáticos para o ensino da matemática no final do século XIX: um retorno à obra de Abílio César Borges. **RIDPHE_R Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo**, v. 5, p. e019019-e019019, 2019.
- REIS, João José; SILVA, Eduardo. O jogo duro do Dois de Julho: o “Partido Negro” na Independência da Bahia. In: REIS, João J. Reis; SILVA, Eduardo (org.). **Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista**, São Paulo, Companhia das Letras, p. 79-98, 1989.
- RESEMBERG, Daniel; GRAFTON, Anthony. **Cartographies of Time: A History of the Timeline**. Princeton Architectural Press, 2013.
- SAVIANI, Dermeval. Um barão brasileiro no congresso internacional de Buenos Aires: as ideias pedagógicas de Abílio César Borges, barão de Macahubas. **Revista História da Educação**, p. 41-58, 2000. <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30094>.

Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino
ISSN 2595-6361

Vol. 6, N. 12, ano 2023, páginas 7 - 32

AS COMEMORAÇÕES DO *DOIS DE JULHO* NO GINÁSIO BAIANO, DO DR. ABÍLIO CÉSAR BORGES

Carollina Carvalho Ramos de Lima

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica. In: MONTEIRO, A. M.; GASPARELLO, A. M.; MAGALHÃES, M. S. (org.). **Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

SILVA, Ícaro Batista. O ensino de História no Liceu Provincial da Bahia: 1836-1890. **Epígrafe**, v. 11, n. 1, p. 389-426, 2022.

SOUZA, Carlos Eduardo Dias. A educação como horizonte político no Segundo Reinado: notas sobre a trajetória e a atuação de Abílio César Borges. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 17, n. 2, p. 41-68, 2017.

<https://doi.org/10.4025/rbhe.v17n2.896>.

TEIXEIRA, Anísio. Um educador: Abílio César Borges. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro. Vol. 18, n. 47, julho-dezembro de 1952. Disponível em www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/educador.html.

TEIXEIRA, Cid. Apresentação. In: ALVES, Lizir Arcanjo. **O Ginásio Baiano de Abílio César Borges: antologia**. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2000.

TRINCHÃO, Gláucia. O conhecimento em desenho das escolas primárias imperiais brasileiras: o livro de desenho de Abílio César Borges-The knowledge about drawing in the brazilian imperialist primary schools: Abílio César Borges's drawing book. **Revista História da Educação**, p. 125-147, 2007.

VALDEZ, Diane. Mens sana in corpore sano: os colégios do Dr. Abilio Cesar Borges, o Barão de Macahubas (1858-1891). **Revista HISTEDBR**, 2006.

https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Diane_Valdez_artigo.pdf.

ZILBERMAN, Regina. Raul Pompeia, Abílio César Borges e a escola brasileira no século XIX. **Revista Criação & Crítica**, n. 9, p. 38-51, 2012.

<https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v5i9p38-51>.

Informações dos autores

Carollina Carvalho Ramos de Lima: Docente Adjunta da Faculdade de Educação (FACED), da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Licenciada e Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Pesquisadora ligada ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Memória e História da Educação - MEHED.

Contribuição de autoria: autora

URL do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3114980757857269>

COMO CITAR ESTE ARTIGO

Artigo

LIMA, Carollina Carvalho Ramos de. As comemorações do Dois de Julho no Ginásio baiano, do Dr. Abílio César Borges. **Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino**, Caetité, vol. 6, n. 12, 2023. P. 7 – 32. DOI:

AS COMEMORAÇÕES DO DOIS DE JULHO NO GINÁSIO BAIANO, DO DR. ABÍLIO CÉSAR BORGES

Carollina Carvalho Ramos de Lima

ⁱ Comunidade imaginada é um conceito cunhado por Benedict Anderson (2008, p.31 -34) para definir a nação e o nacionalismo que eclodem a partir de fins do século XVIII. Para o autor, a não é definida como uma "comunidade imaginada" tendo em vista quatro aspectos, de modo que se imagina que ela é: (1) "imaginada" porque ainda que seus membros não se conheçam, há a percepção de comunhão entre eles; (2) "limitada", pois possui fronteiras finitas e delimitadas; (3) "soberana", dada sua busca por ser livre, naquele contexto específico, "o reino dinástico hierárquico de ordem divina"; (4) uma "comunidade", em virtude de ser "concebida como uma profunda camaradagem horizontal".

ⁱⁱ Optamos por atualizar a grafia neste artigo. À época a escrita do nome era *Gymnasio Bahiano*, de modo que quando realizada pesquisa por termo em bases e acervos online, empregou-se a grafia antiga e a atualizada, a fim de garantir maior assertividade na busca. Observou-se, nesse sentido, que na Hemeroteca Digital o reconhecimento da expressão não foi satisfatório. Inicialmente, a procura por "*Gymansio Bahiano*" e "*Ginasio Baiano*" não retornaram ocorrências, em contrapartida, ao buscar por "*Abílio César Borges*", nos resultados era comum aparecer o nome do colégio de Abílio, o que indica que a busca foi falha ao não apontar recorrências, porque, há menções ao *Gymnasio Bahiano* na imprensa, entre 1850-1880, período usado como parâmetro na pesquisa.

ⁱⁱⁱ A participação ativa de Abílio Borges em debates sobre educação foi tão destacada que, em 1881, ele recebeu o título de Barão de Macaúbas. Após o encerramento do Ginásio Baiano, que operou de 1858 a 1870, Borges continuou a promover suas ideias educacionais em dois outros colégios que fundou: o Colégio Abílio no Rio de Janeiro em 1871 e o de Barbacena em 1881. Para mais informações sobre a biografia, as ideias e a atuação de Borges na Educação, sugiro a leitura dos trabalhos de Diane Valdez (2006) e Carlos Souza (2015).

^{iv} Francisco Moniz Barreto, poeta e famoso repentista; Constantino do Amaral Tavares, literato e poeta; Luís Álvares dos Santos, professor, médico e político; Antônio Augusto de Mendonça Júnior, funcionário público e poeta, para citar alguns exemplos.

^v Para se ter uma ideia, em 1863, das 1336 matrículas no ensino secundário privado, 498 eram no Ginásio Baiano, seguido pelo Colégio 2 de Dezembro com 286. (DICK, 2001, p.82).

^{vi} Nesse sentido, considero adequado pensar a partir da ideia de "inovação" à medida que elas não produzem rupturas profundas no sistema escolar como um todo, mas o impactam ao propor modelos e formas *outras*, novas, de se pensar, fazer e experienciar os processos educativos no interior das instituições de ensino no país, em especial na Bahia.

^{vii} Angela Alonso (2015, p. 34) assim descreve Abílio: "o professor tinha barba à inglesa elevava sempre cartola. Esses modos aristocráticos se temperavam com orientação modernizadora." A autora define o "estilo Abílio" como sendo marcado pelo cerimonialismo e o associativismo e destaca seu pioneirismo na luta abolicionista com a fundação da "Sociedade Libertadora 7 de Setembro" e do jornal "Abolicionista".

^{viii} Inicialmente, os internos deveriam pagar o valor de 360\$000 (trezentos e sessenta mil réis) e os externos, 160\$000 (cento e sessenta mil réis), valores que eram divididos em três prestações. (ALVES, 2000).

^{ix} ÍNDICE DAS LEIS SOBRE INSTRUÇÃO PÚBLICA NA PROVÍNCIA DA BAHIA: 1835-1889, p.7-8. Disponível em: <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/acervos/indice-das-leis-sobre-instrucao-publica-na-provincia-da-bahia-1835-1889-1>. Acesso em: 07 nov. 2023.

^x Demonstrando seu cuidado com a área, neste mesmo relatório, Borges chegou a mencionar os docentes que poderiam ocupar-se das novas disciplinas que, pela sua proposta, seriam criadas na Escola Normal, evidenciando, ainda que nas entrelinhas, a competência intelectual dos

AS COMEMORAÇÕES DO DOIS DE JULHO NO GINÁSIO BAIANO, DO DR. ABÍLIO CÉSAR BORGES

Carollina Carvalho Ramos de Lima

indicados: João Alves Portella, professor de Métodos de Ensino, assumiria História antiga e moderna; Manuel Correia Garcia, de Aritmética, Desenho Linear e Caligrafia, se ocuparia da História Pátria, lembrando que ele também era o primeiro secretário do Instituto Histórico da Bahia (IHB) nessa época; enquanto Professor Belarmino permaneceria com a História Sagrada, mas o orientou a dar "maior extensão no estudo da História Eclesiástica com explicações da Bíblia etc." (BORGES, 1856, p.46-47).

^{xi} Tesouro de meninos: obra clássica dividida em três partes: moral, virtude, civilidade, de Pedro Blanchard, "vertida em português e oferecida à mocidade estudiosa" por Mateus José da Rocha (Lisboa, 16. ed. 1861).

^{xii} Desenvolvido na década de 1840, por Jozef Bem, do qual o Método Zaba era uma apropriação. (LIMA, 2024).

^{xiii} Era comum a presença dos repentistas em festas de Natal, solenidades, festa públicas etc. Em *Festas e Tradições Populares do Brasil* (Ediouro, Rio de Janeiro/RJ, cerca de 1985), Melo Moraes Filho citam os mais famosos repentistas baianos do século XIX, que segundo ele, "laureados glosam motes aos aplausos justíssimos", sendo que os "grandes mestres de toda a poesia do improviso chamavam-se Moniz Barreto, Dr. Sinfrônio O. Álvares Coelho, Laurindo Rabelo, A. de Mendonça, João Freitas, Dr. Luís Álvares dos Santos e tantos outros, que eram os poetas da religião, da pátria e da família."

^{xiv} A Batalha de Pirajá, por exemplo, ocorrida em novembro de 1822 e amplamente destacada nos poemas dos alunos, resultou em aproximadamente "80 mortos e igual número de feridos" (ACCIOLI apud GUERRA FILHO, 2004).

^{xv} Castro Alves (2019, p. 9), em carta que escreveu sobre sua história pessoal, contou que seus pais eram "o doutor Antônio José Alves e dona Clélia Castro, filha de um sargento que foi um dos heróis da Independência da Bahia, conquistada em 2 de julho de 1823. Em muitas províncias os portugueses não acataram a proclamação do Sete de Setembro, e queriam nos manter atados à Coroa lusitana. Na Bahia, meu avô materno, José Antônio da Silva Castro, ajudou a derrotar o general Madeira, comandante das tropas inimigas, para assim confirmar a independência do Brasil."